

DEMOLIDOR: O DISCURSO DO HOMEM SEM MEDO

Paulo Henrique Dos Santos¹

Cezar Roberto Versa²

Resumo: A proposta deste artigo é analisar o discurso do personagem Matthew Murdock, da obra Demolidor, no período da saga “A Queda de Murdock”. Tal análise será pautada na perspectiva da Análise de Discurso de Orientação Francesa, a qual tem em Pêcheux (1997) seu arcabouço teórico. Por meio dessa linha de pesquisa é possível pensar o conceito de formação discursiva do personagem, atrelado ao ideológico. A construção de enunciados no percorrer da obra denota o não dito, em que os efeitos de sentido se estabelecem num discurso de redenção e perda, uma vez que o protagonista é cristão e ficou cego.

Palavras-chave: discurso; quadrinhos; demolidor.

Resumen: El propósito de este trabajo es analizar el discurso del personaje de Matthew Murdock, en Demolidor, durante la saga "La caída de Murdock." Tal análisis se basará en la perspectiva del análisis del discurso de orientación francesa, que tiene en Pêcheux (1997) su marco teórico. A través de esta línea de investigación es posible pensar en el concepto de formación discursiva del personaje, ligado al ideológico. La construcción de enunciados en la obra se establece en lo no dicho, en que los efectos de sentido se suceden en un discurso de la redención y la pérdida, ya que el protagonista es un cristiano y se quedó ciego.

Palabras clave: discurso; historietas con dibujos; demolidor.

Introdução

Alguns teóricos dizem que as histórias em quadrinhos nasceram antes de Cristo com a arte rupestre, num enredo que possui uma sequência narrativa composta primeiramente por imagens.

No século XX, as revistas em quadrinhos têm o seu auge - a criação de heróis. Porém, devido aos conteúdos subversivos, foi montada uma organização que cuidava dessas publicações, se continha alguma ideia subversiva o produto era barrado. Então, a *Marvel Comics* começou a produção de heróis humanizados, as vendas subiram e mais do que nunca os heróis estavam conquistando seu espaço.

¹ Discente do curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, da Univel – Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas de Cascavel.

² Professor Orientador. Docente do curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, da Univel – Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas de Cascavel.

Na década de 1960, nasce Matthew Murdock, um adolescente criado pelo seu pai que sofre um acidente e perde a visão. Mas em compensação, seus outros sentidos são ampliados. Com o passar dos anos, ele se torna um advogado renomado e, ao cair da noite, ele veste o traje de Demolidor e começa a praticar a justiça com as próprias mãos.

Em 1986, o Demolidor é levado aos seus limites em um arco de histórias chamado de “A queda de Murdock”, pelas mãos de David Mazzucchelli e Frank Miller. Este é o *corpus* de estudos deste artigo, por meio de uma análise via Análise do Discurso de orientação francesa. Tal linha teve como pioneiro Michel Pêcheux, no Brasil, a escritora Eni Orlandi é a referência utilizada.

Buscou-se na análise traçar um perfil discursivo do homem sem medo por meio da linguagem – que é por meio dela que a ideologia do personagem se concretiza – assim foi possível analisar o psicológico – que é a própria ideologia – e extrair a essência do personagem neste período crítico.

Quadrinhos

As histórias em quadrinhos possuem duas linguagens: a verbal (escrita) e a não-verbal (imagens), esses dois fatores configuram uma narrativa gráfica.

Pode-se afirmar que o início das histórias em quadrinhos é por volta de 15.000 anos antes de Cristo, com a arte rupestre, que apresenta uma sequência de ação, as caçadas e ações das comunidades naquela época. Posteriormente, os egípcios apresentaram suas histórias em quadrinhos, que eram sequências de imagens que relatavam o comportamento de todos os habitantes diante do Faraó. Mas também, conseguiam fazer um guia de comportamento durante e após a morte. Ainda há estudiosos que negam esse entendimento de que tais histórias fossem efetivamente em quadrinhos.

Por isso é no começo do século XX que as histórias em quadrinhos (HQ) começam a tomar forma.

[...]as primeiras manifestações das HQ datam do começo do século XX, quando se iniciou uma busca por novos meios de comunicação e expressão gráfica e visual. Com o avanço da imprensa, e também da tecnologia e de novas formas de impressão, o desenvolvimento deste meio de comunicação de massa ficou mais fácil (MELO, 2010 p.01).

Em 1895, nos Estados Unidos, surgiu o personagem *Yellow Kid*, no ano de 1929, Popeye foi criado seguido do Mickey (1933) e foi nesse período que começou a publicação das revistas Walt Disney as quais tinham o aspecto cômico. Melo (2010, p.2) afirma que “os temas das histórias eram,

basicamente, travessuras de crianças e bichinhos. É também de onde vêm as designações *kidsstrips*, *animal strips*, *familystrips*, *boy-dogstrips*, *bofamily-dogstrips*, dentre outras denominações.”.

No Brasil, em 1939, foi pelas mãos de Ângelo Agostini que as HQ começaram a se popularizar. Ainda vinculados aos jornais, as histórias iam do caráter crítico ao político-social, os destaques de seus personagens são: Nhô Quin e Zé Caipora. Nos anos de 1970, com o próprio gibi, a turma da Monica estava ganhando espaço atraindo o interesse do público para este tipo de literatura. E também foi neste período que os personagens da Disney garimpavam o seu espaço no mercado brasileiro.

Com o início da publicação das revistas de Maurício de Souza, com a Turma da Mônica, e a montagem da Editora Abril, nos anos 70 do século passado, os quadrinhos infantis passaram a predominar no Brasil. Diversos quadrinistas começaram a trabalhar com histórias do Zé Carioca e de vários personagens Disney e da Hanna-Barbera. (MELO, 2010, p. 03)

Marvel Comics e seus heróis

Em 1939, nos Estados Unidos, o Editor Martin Goodman cria a *Timely Publications*, que na década de 1960, passaria a ser a famosa editora de histórias em quadrinhos, *Marvel Comics*.

A criação dos personagens nesse período tinha um poder ideológico intenso. Como prova disso, a primeira HQ do Capitão América de Março de 1941 tem a presença de Adolf Hitler levando um soco na cara do Capitão.



Figura 1 :CaptainAmerica #1

Fonte : Retirada do site :static.comicvine.com

Na fase pós-guerra, os quadrinhos atingiram grandes números de venda, o seu público eram os jovens que ficavam entretidos com histórias fantásticas de aventuras, pois o principal lema dos heróis era fazer o bem e preservar a paz de todos.

Com o fim da guerra, a existência dos vilões – nazistas/comunistas – começou a perder o sentido, foi aí que os quadrinhos começaram a entrar em declínio. Em 1954, o Subcomitê do Senado americano para Delinquência Juvenil, iniciou uma busca em cada edição das histórias em quadrinhos para verificar os conteúdos subversivos existentes, daí surgiu o *ComicCodeAuthority* (CCA), que tinha o objetivo claro de impor a autocensura nas histórias em quadrinhos. Caso aprovados, os produtos exibiam um selo que liberava a venda desses produtos.



Figura 2: Selo de aprovação *ComicCodeAuthority*
Fonte: Retirada do site : community.ebay.com

Com a baixa dos heróis, a *Timely* investiu em histórias de terror as quais abordassem o Velho Oeste Americano, os personagens passaram a ser infantis e os animais passaram a ter uma característica mais humanizada.

No final da década, os editores da *Timely*, que agora se chamava Atlas, Stan Lee se reuniu com um grupo de artistas que incluía Jack Kirby, Don Heck, Steve Ditko e Paul Reinman, entre outros foram os principais líderes do renascimento da editora, durante a chamada *Era prata*. Foi nesse período que aconteceu a transformação de *Atlas Comics* para *Marvel Comics*. Os heróis passaram a ter as mesmas emoções e dificuldades que o público tinha, os heróis se tornaram mais humanos, cometendo erros e acertos. A editora, agora conhecida e sólida já no mercado. Mas essa mudança não alterou a ideologia da editora.

Para tanto, as histórias da editora não deixaram de seguir o padrão político e moral dominante à época. Temáticas como a corrida espacial; a utilização da radioatividade, assim como a sua ameaça; a aparição de vários inimigos comunistas; diálogos explícitos de combate aos soviéticos e defesa do *american way of life* são a tônica da narrativa das histórias. (GUERRA, 2011, p. 16)

A exemplo disso, a primeira aparição de uma personagem soviética, conhecida como Viúva Negra (Figura 3), representa como os americanos viam os soviéticos. Ela era a personificação da beleza, esperteza, inteligência e sensualidade. No decorrer do tempo, a personagem se rende aos americanos e passa de vilã a heroína e sempre sendo uma peça importante para o grupo de heróis: Os vingadores. Então ela teve o seu cabelo alterado pelos desenhistas de preto para ruivo e seu uniforme foi modificado também. Ela ganhou braceletes que continham descargas elétricas e um cinturão dourado (figura 4). O que vale ressaltar sobre esta personagem, ela não tem nenhuma semelhança física com as mocinhas desenhadas pelos quadrinistas. No caso da Viúva Negra, a feminilidade era sinônimo de poder, sedução e persuasão.



Da esquerda para direita : Figura 3, a Viúva Negra em Tales of Suspense. Figura 4, O novo visual da personagem que populariza a mesma.

A Viúva Negra é apenas uma amostra do que *Marvel Comics* elaborou. Personagem que está diretamente ligada ao herói deste artigo. Anos depois, a Natasha Romanoff/Viúva Negra, passa a se envolver com o vigilante de HellsKitchen, o Demolidor.

Demolidor: o Homem sem medo

Em abril de 1964, chegava às bancas Demolidor - o Homem sem medo, que traz um herói um tanto diferente dos habituais. Matthew Murdock é o Demolidor e pratica a justiça de duas formas: punindo com sua identidade civil ou praticando a justiça com suas próprias mãos. O diferencial do personagem e a deficiência visual, ele é cego, mas tem seus outros sentidos melhorados.

A história deste personagem é um tanto trágica. A mãe de Matthew é pouco retratada na história do personagem, mas o que se sabe é que ele nem ao menos a conheceu, já que está morto e ele foi criado por seu pai, Jack Murdock. A relação de pai e filho é contada diversas vezes e sempre mostra o pai de Matthew um tanto protetor com o filho.



Figura 5: Daredevil #1 – Matthew e Jack
Fonte : retirada do site www.theothermurdockpapers.com

Para ajudar nos estudos de Matthew, seu pai concordou em perder uma luta arranjada onde ganharia uma grande quantia em dinheiro. Mas ao ver a presença de seu filho na plateia, o pugilista não quis o envergonhar e venceu a luta. Jack foi assassinado pela máfia por quebrar o acordo. Então o jovem Murdock decidiu lutar contra o crime, assumiu o uniforme e a identidade secreta de Demolidor para vingar seu pai.

Tornou-se um advogado criminalista e montou seu escritório de advocacia com seu colega Foggy Nelson. De dia, defendia casos nos tribunais. À noite, se tornava o vigilante das ruas com uma roupa se assemelhando a um demônio e saltava de prédio em prédio em Nova York executando a justiça quando a lei não agia.



Figura 6: Demolidor/Matthew Murdock , Terra 616
Fonte: retirada do site 3.bp.blogspot.com

Seus interesses amorosos são todos trágicos. A mais famosa namorada de Matthew é Elektra Natchios, que se conheceram na faculdade de Columbia, filha adolescente de um embaixador grego (e futura assassina), ele ficou tão empolgado com a moça que para impressioná-la mostrou seus poderes. O envolvimento foi rápido e terminou quando o *campus* da universidade onde Matt estudava foi atacado por mafiosos gregos, que mataram o pai de Elektra. Traumatizada, Elektra retorna a Grécia, abandonando Matt.

Demolidor : A queda de Murdock

Neste arco de histórias, pode-se observar a humanização do herói, que já nas mãos de Stan Lee e David Mazzucchelli apresenta um personagem mais humano, que comete erros e tem anseios e que não é o “salvador do dia” e muito menos o “bonzinho”.

Em “A Queda de Murdock” nós temos o personagem Demolidor entrando em conflito com o mundo exterior e muito mais com seu interior. A narrativa desta história começa com Karen Page, revelando a identidade secreta do ex-namorado Matthew Murdock, o Demolidor, em troca de drogas para o Rei do Crime, sua namorada acaba o traindo com seu amigo Foggy Nelson, que também é seu sócio na empresa Murdock e Foggy Nelson advocacia, porém ela não vai bem devido a uma péssima campanha.

Está então é a história a qual nos propomos a analisar, onde se considera a linguagem, o psicológico, a ideologia e a relação da exterioridade do personagem.

Análise do Discurso da Escola Francesa

O fundador dessa linha de estudo é Michel Pêcheux (1997). Em Análise do discurso o foco é o próprio discurso, não que a gramática e a língua não sejam pertinentes, porém, o foco é voltado para o discurso. E como Orlandi diz, o discurso é o movimento da palavra. Mas é o discurso que faz a mediação entre o homem e a realidade natural e social. Para Orlandi (2007, p.15), “Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive. O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana”.

De maneira bruta, a definição de discurso é o efeito de sentido entre locutores e apresenta um campo disciplinar que trata a linguagem em seu funcionamento. Se considerar o discurso como efeito de sentido entre locutores, deve-se compreender que a produção de sentidos é algo particular, pois é ligada a constituição dos sujeitos. Para Orlandi (1994, p. 52), “Isto quer dizer que o discurso supõe um sistema significante, mas supõe também a relação

deste sistema com a sua exterioridade, já que sem história não há sentido, ou seja, é a inscrição da história na língua faz com que ela signifique”.

A ideologia é constitutiva da relação do sujeito com o mundo exterior com o inconsciente e a linguagem, portanto a ideologia é chamada por Eni Orlandi de imaginário. E o social é ligado a este imaginário que é instituído pela relação do sujeito, na formação que este tem de uma figura.

Quanto ao social, não são os traços sociológicos empíricos – classe social, idade, sexo, profissão – mas as formações imaginárias que se constituem a partir das relações sociais que funcionam no discurso: a imagem que se faz de um pai, de um operário, de um presidente, etc (ORLANDI, 1994, p. 56).

O exterior é, em um primeiro momento, desconsiderado, porém é ligado pela linguagem, dessa forma, para que todo o discurso faça um sentido, e contribui para a definição de discurso, que é um processo social onde sua singularidade está em sua materialidade, a linguística. Portanto, o exterior, a ideologia e o inconsciente se concretizam por meio da língua e da linguagem. Um outro aspecto primordial é o conteúdo não-dito. Quando se diz algo, o não dito torna-se um discurso que permanece como uma relação de sentido. “Isto é, uma formação discursiva pressupõe uma outra : “terra” significa pela sua diferença com “Terra”, ”com coragem” significa pela sua diferença com “sem medo” etc.” (ORLANDI, 2007, p.82)

E o já-dito é bastante simples, ele torna possível dizer tudo o que já foi dito. Assim, Pêcheux não difere de maneira categórica a estrutura e o acontecimento, dessa forma ele relaciona a exterioridade a sua linguagem, que é a definição do já-dito, que está ligado com o inconsciente e a ideologia.

De acordo com este conceito, as pessoas são filiadas a um saber discursivo que não aprende, mas que produz seus efeitos por intermédio da ideologia e do inconsciente. O interdiscurso é articulado ao complexo de formações ideológicas representadas no discurso pelas formações discursivas: algo significa antes, em outro lugar e independente (ORLANDI, 2005, p. 11).

Para Orlandi, as formações discursivas é aquilo que o sujeito deve dizer em uma situação, uma dada conjuntura. É nesse sentido em que existe a atuação da exterioridade com o dizer. E o sentido não é ligado às palavras em sua literalidade, mas sim na troca de uma palavra por outra.

Outro aspecto é o espaço de trabalho que tem de ser oferecido para que se realize a Análise do Discurso, uma vez que o enunciado é visto como algo linguisticamente descritível, assim oferece lugar às interpretações, as quais podem ser chamadas de produção de efeitos de sentidos, nessa produção localiza-se o labor de tal análise.

Análise do Discurso de “A Queda de Murdock”

O primeiro capítulo de “A queda de Murdock” apresenta Matthew Murdock, em seu apartamento, vivendo tranquilo e sem qualquer preocupação eminente. Ele apresenta um estereótipo do próprio advogado, sua profissão.

Especificamente na última ilustração, “*Eu não pedi isso, mas me tornei o Demolidor, eu enfrento o crime*”- por meio de um discurso não-dito, essa oração nos indica que foi um acidente, ele se tornar um herói e retoma essa indagação na oração seguinte - “*Pelo menos isso eu fiz direito na minha vida*” - “*Pelo menos isso*” produz o efeito de que todo o resto que ele fez em sua vida ele fez errado – “*eu fiz direito na minha vida*” – há um certo trocadilho, o direito em que ele se refere é a escolha de ser o demolidor, porém, poderia estar ligado ao curso de Direito. Essas expressões indicam o início da fase depressiva do herói.



Figura 8 : A queda de Murdock – Matthew em seu apartamento
Fonte : retirada da HQ A queda de Murdock , capítulo 1 – “apocalipse”

No entanto, Matthew está começando a se ver sozinho, sem para onde ir. Quando de repente está diante do Grande Júri falando sobre um crime que não cometeu.



Figura 9: A queda de Murdock – Matthew em seu apartamento
Fonte: retirada da HQ A queda de Murdock , capítulo 1 – “apocalipse”

Neste diálogo de Matthew com o outro senhor há vários indicativos sobre a formação discursiva que deve ser dito e como deve ser dito de acordo com o contexto em que o sujeito está inserido. “*Se a acusação tivesse sido feita por qualquer outro policial Matthew...*” – Há um indicativo de importância, por exemplo “*Se fosse qualquer um... Mas é tal*”, o discurso de mais-valia , um tem mais peso e outro tem menos peso – “*Mas Nicholas Manolis, vinte anos de atuação impecável*” – confirma a formação discursiva de importância que é dado ao personagem, e *vinte anos de atuação impecável*, atua como uma frase qualitativa impondo que a palavra de Nicholas Manolis é indispensável. Na última ilustração, observa-se um “*Cale a boca*” – que está atrelado ao psicológico do personagem, que não deixa de ser uma formação discursiva, neste caso é um discurso autoritário, que dentro do que Eni Orlandi diz, é um discurso que impõe.

No final de “apocalipse”, Matthew tem seu apartamento explodido e se muda para uma pensão de situação precária.

A sua relação com o exterior agora fica bastante evidente, quando no primeiro quadro ele relaciona o *fedor a ratos*, que é o lugar onde ele está, logo ele se coloca no nível mais baixo de um ser humano, ele se considera um animal, sem racionalidade, literalmente ele atinge o fundo do poço e passa se colocar como um rato.

O personagem passa de uma *figura respeitada em sua profissão*, para *um cego que perdeu o emprego, o sustento, o lar, a namorada*. Nestas citações, o personagem confirma que é um perdedor, porém, no segundo, quando *isso sem falar do extra de ser super-herói*– o

representam uma fase de queda para Murdock - como o personagem está numa espécie de transi entre o que acontece agora e o que aconteceu em sua adolescência, termo *Ele* é direcionado tanto ao caminhão que o atingiu no passado, quanto o Rei do Crime.- fazendo uma alusão ao Rei do Crime ser um homem de porte físico grande e o automóvel.



Figura 12 : Matthew ferido nas redondezas do bairro onde nasceu
 Fonte : retirada da HQ “A queda de Murdock”, capítulo 3 – Pária

Há mais um paralelo discursivo entre vida e morte. *Ótimo lugar pra ser morto* – esse enunciado traça um índice de que a morte do personagem é certa – *Eu nasci aqui* – apresenta a mensagem de que na morte há um novo nascimento.

O quarto capítulo, renascido, apresenta a salvação de Murdock por meio da religião, que aqui tem um papel fundamental na constituição do personagem.



Figura 14 : Matthew e Maggie , possivelmente sua mãe
 Fonte: retirada da HQ “A queda de Murdock” , capítulo 4 –renascido

A Irmã Maggie, aparece nesta ocasião. Ela cuida e intercede por ele, inclusive, a oração dela por Matthew é ilustrada, o que na época foi um grande choque, pois poucos heróis

seguiam as suas religiões - E o que fortalece a ideologia religiosa presente é que esta personagem liga as melhoras do corpo de Matthew, “Agradeça ao Senhor”, de forma que a conotação religiosa da personagem se faz presente para que dessa forma ela represente a ideia de que os heróis precisam adorar a um ser superior - dada ao contexto que o personagem está inserido, porém, ela é questionada por ele sobre a hipótese de ser sua mãe.

Neste momento, é possível afirmar o paralelo religioso de cunho catolicista, como Maggie sendo a mãe do Salvador que cuida dele, desta forma, acontece o renascimento que se relacionar com a religião, teria um equivalente a ressurreição.



Figura 15 : Matthew e Karen , conclusão de A queda de Murdock
Fonte : retirada da HQ “A Queda de Murdock” , capítulo final – armagedon

Esta é a última ilustração, onde mostra o Demolidor, renascido de toda aquela turbulência que havia passado. O discurso final é apresentado com certezas, as dúvidas e os anseios foram substituídos por certezas que o próprio personagem tinha certeza de quem era.

Portanto, é possível notar as fases discursivas que são moldadas pela ideologia do personagem manifestada por meio de suas falas. Portanto, esse personagem se estabelece em um verdadeiro jogo psicológico entre o inconsciente, a ideologia e o contexto histórico-social que envolvem este personagem.

Nesta HQ, a evidência pela busca do “Quem eu sou” se torna evidente em cada momento da história, pois deve ser considerado que Matthew só se encontrou como sujeito que tem certeza de quem é em sua essência realmente quando este encontrou Karen Page.

Considerações finais

Durante todo o processo de análise do material foi possível observar a oscilação discursiva de Matthew Murdock – que num primeiro momento apresenta um discurso completamente comodista e no decorrer da história apresenta outros tipos de discursos que se moldam de acordo com a ideologia, dessa forma a exterioridade é concretizada na linguagem.

Pode ser observado que formação discursiva do personagem é influenciada pelas ideias que ele carrega consigo e que normalmente está mais ligado ao seu interior que o ambiente exterior – incluem-se os momentos nostálgicos do personagem em relação ao seu pai e a dúvida sobre a identidade de sua mãe – e também se destaca o nível que o personagem atinge, principalmente quando ele mesmo se compara a ratos.

Portanto, a saga que é tão aclamada pelos fãs de HQ tem seu personagem central explorado ao máximo, por meio do discurso oscilante do personagem, chega-se a conclusão de que a principal ideologia envolta dessa história é que sem sofrimento não há vitória, de uma redenção constante e exequível, a qual se estabelece na existência de qualquer ser humano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, Alexandre V. A. *Historias em quadrinhos sobre a História do Brasil em 1950: A narrativa dos artistas da EBAL e outras editoras*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação), USP, São Paulo, 2006.
- GUERRA, Fábio Vieira. *Super-heróis Marvel e os conflitos sociais e políticos nos EUA (1961-1981)*. Dissertação (Mestrado em História), UFF, Niterói, 2011.
- ORLANDI, Eni. *Análise do Discurso: Princípios e Procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 2007.
- ORLANDI, Eni. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.
- ORLANDI, Eni. *Discurso, imaginário social e conhecimento*. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, 1994.
- ORLANDI, Eni. *Michel Pêcheux e Análise do Discurso*. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, 2005.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica a afirmação do óbvio*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.